



Terreiros da psique: considerações sobre os sonhos na Umbanda a partir da psicologia junguiana

Meeting places of psyche: considerations on dreams in Umbanda from the perspective of Jungian psychology

Renato Teixeira Bressan¹
Andréa Olímpio de Oliveira²

Resumo: O presente artigo procura realizar uma apreciação crítica e diálogo entre a Umbanda, religião afro-indígena brasileira, e a psicologia junguiana, levando em conta o que ambas consideram sobre os sonhos. O método de base envolve pesquisa qualitativa, a partir de dinâmicas conversacionais com um sacerdote umbandista, além da análise de trechos de um livro do mesmo, o qual foi tomado tanto em contraponto, quanto em convergência com as ideias de Carl Gustav Jung. Foram abordados temas relativos aos significados, à importância, aos usos e aos benefícios dos sonhos, bem como sua relação com a experiência religiosa e com a autorrealização (Self). Os resultados apontam que embora haja divergências significativas entre as práticas e os fundamentos destes dois campos do saber, os pontos em comum são expressivos. Em linhas gerais, tanto a Umbanda, praticada pelo sacerdote em questão, quanto a psicologia junguiana, reconhecem que os sonhos são importantes, e podem funcionar como instrumentos de orientação, transformação e conexão com dimensões profundas do Ser. Os achados deste trabalho sugerem que é necessário investigar e complexificar ainda mais os estudos neste cruzamento de campos, ampliando, portanto, o diálogo entre psicologia e espiritualidade, sobretudo no contexto das matrizes religiosas e culturais do Brasil.

Palavras-chave: Sonhos. Religião. Psicologia. Carl Jung. Umbanda.

Abstract: This paper seeks to conduct a critical approach and dialogue between Umbanda, a Brazilian Afro-indigenous religion, and Jungian psychology, taking into account what both consider about dreams. The basic method involves qualitative research, based on conversational dynamics with an Umbanda priest, in addition to the analysis of excerpts from a book by the same, which was taken both in counterpoint and in convergence with the ideas of Carl Gustav Jung. Topics related to the meanings, importance, uses and benefits of dreams were addressed, as well as their relationship with religious experience and self-realization (Self). The results indicate that although there are significant divergences between the practices and foundations of these two fields of knowledge, the common points are expressive. In general terms, both Umbanda, practiced by the priest in question, and Jungian psychology recognize that dreams are important and can function as instruments of guidance, transformation and connection with deeper dimensions of the Being. The findings of this work suggest that it is necessary to investigate and further

¹ Mestre em Comunicação (UFJF). Graduado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (Unicesumar). Graduado em Letras (Faculdade Alfa América). Graduando em Psicologia (Univixosa). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3580350727395654> E-mail: retbressan@gmail.com

² Doutora em Ciência da Religião (UFJF). Mestra em Psicologia (UFJF). Especialização em Psicossomática (Unifatecie); Especialização em Arteterapia e Expressões Criativas (Centro de Ensino Superior de Homeopatia); Especialização em Psicologia do Desenvolvimento Humano (UFJF), Graduação em Psicologia (CES/JF). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0666538236260016> E-mail: andrea.olimpiodeoliveira@gmail.com



complexify studies at this intersection of fields, thus expanding the dialogue between psychology and spirituality, especially in the context of the Brazilian religious and cultural matrices.

Keywords: Dreams. Religion. Psychology. Carl Jung. Umbanda.

Introdução

Em novembro de 2021, adquirimos o livro “Terreiro de Caboclo: A raiz indígena na Umbanda”, escrito por Pai Luiz Felipe Stevanim, sob a orientação da entidade Caboclo Sete Flechas. No autógrafo recebido, está escrito: “Os povos indígenas nos ensinam sobre a riqueza dos sonhos e da mente. Que os ancestrais desta Terra possam abençoar este seu despertar e encantamento que chamamos vida. Axé! Saravá! Aguyjevete! (Gratidão)”.

Cerca de três anos depois, a leitura desta obra foi suscitada novamente e uma maior aproximação com o autor foi necessária. O contato com Pai Luiz Felipe, nesta oportunidade, deu-se via conversas por *WhatsApp* e *e-mail*. Decidimos concentrar nossos esforços em dois objetivos: (1) entender de que modo os integrantes da Umbanda se apropriam e aplicam o conhecimento dos sonhos em sua rotina, rituais e modos de se expressar, bem como (2) propor um diálogo entre a sabedoria da Umbanda e a teoria criada por Carl G. Jung.

É sabido que Jung sempre teve grande interesse e respeito pelas manifestações religiosas dos povos originários e buscou desenvolver seu trabalho de modo a considerar, incluir, descrever e compreender melhor os fenômenos observados em tais culturas. Assim, seguindo esta postura, pretende-se fazer uma pequena contribuição nesse campo, na tentativa de acolher, dialogar e apresentar um pouco sobre o que a Umbanda oferece no que concerne aos sonhos e, sem dúvida, também faz parte dos terreiros da Psique.

1. Procedimentos Metodológicos

Luiz Felipe Stevanim é sacerdote de Umbanda e dirigente da Casa da Fraternidade Aldeia de Luz, terreiro fundado pelo Caboclo Sete Flechas em 2017, atualmente situado no Rio de Janeiro. Filho de Oxóssi e Oxum, seu encontro com a Umbanda ocorreu em 2007, quando se tornou aprendiz da sabedoria ancestral dos Caboclos. Jornalista pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Luiz Felipe é editor da Revista Radis da Fiocruz. “Terreiro de Caboclo” é seu primeiro livro orientado pelo Caboclo Sete Flechas.



A partir da leitura desta obra, entramos em contato com o autor e, através de uma dinâmica conversacional, utilizamos um trecho específico da obra e solicitamos que Pai Luiz Felipe explicasse seu ponto de vista e compartilhasse sua experiência, enquanto sacerdote da Umbanda, no que diz respeito ao tema deste artigo.

Estas interações, do ponto de vista da pesquisa qualitativa, podem ser compreendidas como dinâmicas conversacionais, nas quais os participantes e os pesquisadores contribuem com suas expressões verbais e não verbais, o que possibilita o surgimento de sentidos subjetivos durante a interação. Essa abordagem permite que os sujeitos pesquisados se reconheçam como construtores do processo, favorecendo a manifestação de suas necessidades e interesses (González Rey, 2005, p. 50).

A entrevista foi realizada de forma semiestruturada, enviada e recebida textualmente, por *e-mail*, com apenas uma pergunta geral, a partir de um trecho da obra do autor, permitindo um enfoque temático, enquanto o mesmo teve liberdade para explorar questões que emergissem de sua própria vivência. As informações coletadas em momentos informais, resultantes do entrosamento espontâneo ou do uso de instrumentos como *WhatsApp*, foram consideradas tão válidas quanto aquelas obtidas por meio de construtos formais (Rossato; Martínez, 2017, p. 348).

Por fim, a partir do cruzamento e da análise destes dados, utilizamos a perspectiva da psicologia junguiana para levar adiante nossas considerações.

2. Sonhos: da Umbanda à Psicologia Junguiana

Após o prefácio de Kaká Werá Jecupé³ – que aponta a importância da obra em apresentar os preceitos fundantes da Umbanda, a relação desta com os povos originários do Brasil e chaves importantes da mesma no seu papel diante da humanidade –, e a apresentação de Pai Caetano de Oxóssi⁴ – a qual reafirma como o livro introduz um significativo conjunto de reflexões, histórias e fundamentos da Umbanda –, temos o seguinte trecho:

Quando adentro a dimensão dos sonhos e caminho com as estrelas, ouço um assovio longo que me leva até uma clareira na mata, onde avisto alguns vultos em torno da fogueira. O crepitar das chamas aquece meu

³ Escritor de origem tapuia, ambientalista, ativista social, conferencista e especialista em saberes tradicionais da cultura tupi.

⁴ Dirigente do Terreiro de Umbanda Luz, Amor e Paz (TULAP).



coração, afugenta o medo e, como uma alma desperta por cânticos ancestrais, contemplo a imagem de um guerreiro indígena, que se destaca na roda. É um homem de meia-idade, que me observa com olhos imperturbáveis e o semblante terno, porém sisudo e silencioso. Traz um cocar sobre sua cabeça, com uma pena de gavião descendo pelos cabelos. Nos lábios, um pequeno bodoque. O torso nu, com a pele pintada de jenipapo.

Essa imagem preenche minha mente em um único instante e fica gravada em meu ser, ao mesmo tempo que escorre pelos dedos como água. Irei me recordar dela ao despertar? (Stevanim, 2021, p. 19).

O texto acima, uma descrição de um sonho do sacerdote, continua:

Em meio ao silêncio da mata, só se ouvem os cânticos entoados pelos espíritos em volta do fogo, mas de nenhum deles consigo enxergar a face. Os olhos do guerreiro indígena permanecem pousados sobre mim sem que ele diga uma palavra, mas ao mesmo tempo sua postura emana força e cumplicidade, como se me acolhesse com um abraço. Comovido, eu abaixo a cabeça em reverência e pronuncio:

– A bênção, Pai!

Sei que ele aguarda minha pergunta, pois foi o que me trouxe até ali, e ele sabe o que se passa em meu coração. Há muitas luas anseio pela oportunidade de estar diante daquele que me guia em minha travessia pelo mundo, para tentar compreender o vínculo espiritual que nos une. Tantas vezes duvidei até mesmo que ele existia, tive medo de ser uma ilusão. Como provar aquilo que escapa aos olhos? Ele me sorri e, erguendo suas mãos, me abençoa. Sinto como se recebesse uma rajada de amor e, então, pronuncio as palavras:

– Pai, de onde vêm as minhas raízes?

O piado agudo de um pássaro corta o silêncio da floresta, e uma cobra-coral desliza pelo chão. Então, não vejo mais a imagem do guerreiro e sim de uma onça-parda que me observa fixamente. Ela se aproxima de mim como se espreitasse a caça, com passadas lentas e calculadas. Sinto o bafo quente de sua respiração quando ela cheira meu rosto, captando a vibração de todo o meu corpo, até virar as costas e submergir na mata da mesma forma como surgiu. Não tenho tempo de segui-la, pois, num instante, toda a imagem se desfaz, e eu desperto do sonho no silêncio da madrugada (Stevanim, 2021, p. 19-20).

A partir destas palavras iniciais, Luiz Felipe retoma um pouco de sua história pessoal e afirma que a Umbanda é “terra de Caboclo, religião nascida do encontro entre os saberes indígenas e africanos, com influências também de concepções cristãs, sobretudo da mensagem de amor ao próximo” (Stevanim, 2021, p. 21), sendo, portanto, “religião inclusiva, plural, de cruzamentos e baseada no espírito de acolhimento” (Stevanim, 2021, p. 22). Em relação aos caboclos, o autor aponta que “são espíritos ancestrais da terra brasileira que irradiam a essência vibratória das forças da natureza, às



quais chamamos de Orixás. Eles são uma das bases sustentadoras da Umbanda, assim como os Pretos Velhos” (Stevanim, 2021, p. 22).

Como se percebe na descrição anterior, e o próprio Luiz confirmou em entrevista, os sonhos são recursos importantes. Segundo o autor, a Umbanda, como uma religião afro-indígena fundamentada em saberes ancestrais, reconhece o sonho como um meio essencial de conexão com o sagrado e de comunicação com os antepassados e ancestrais. Por meio dos sonhos, os espíritos se manifestam – ainda que, ao despertar, nem sempre sejamos capazes de lembrar todos os detalhes.

Ele acrescenta que as vivências durante o sono se assemelham a uma névoa que se dissipa ao amanhecer: algumas imagens ou lembranças permanecem, ainda que de forma vaga ou desfocada; outras se mantêm vívidas, influenciando decisões no cotidiano. Apesar disso, acredita-se que os ensinamentos adquiridos nos sonhos, nesse contato espiritual, permanecem latentes no inconsciente e podem emergir quando necessários ou nos momentos oportunos, de maneira semelhante às experiências e memórias de vidas passadas.

Conforme apontou Jung, o sonho é a “expressão de um processo psíquico inconsciente, alheio à vontade e longe do controle da consciência” (Jung, 2013, p. 304). Segundo ele, o sonho representa “a verdade e a realidade interiores, exatamente como elas são” (*ibid.*, 2013, p. 304), independentemente do que o sonhador e/ou o psicólogo imediatamente interpretem sobre. O autor chama atenção para o fato de que é importante considerar as imagens do sonho em si mesmas, atendo-se o máximo possível às imagens oníricas, evitando associações livres e interpretações afoitas, levando em consideração, quase que obrigatoriamente, uma série de sonhos para a análise (e não sonhos isolados), como se cada sonho fosse único e exigisse uma teoria do sonho inteiramente nova.

Além disso, para Jung, a natureza filogenética da psique se manifesta com mais intensidade no sonho do que em nosso estado consciente. As imagens provenientes das camadas mais primitivas da natureza e os impulsos mais antigos encontram expressão por meio dos sonhos. Ao assimilar conteúdos inconscientes, a vida consciente é novamente ajustada à ordem natural, da qual frequentemente se afasta. Esse processo reconduz o paciente à sua própria essência interior. O caminho das sucessivas assimilações transcende um simples sucesso clínico. Ele leva, por fim, a um objetivo mais distante,



talvez ao propósito primordial da criação da vida: a plena realização do ser humano em sua totalidade, a individuação (Jung, 2013, p. 352).

Nesse sentido, além de acolher e considerar o que os sonhos expressam, a favor de uma assimilação de conteúdos inconscientes, a Umbanda também os utiliza como recurso espiritual e de cura. Conforme aponta Pai Luiz Felipe, na Umbanda, os sonhos funcionam como um meio de comunicação com os espíritos; assim como ocorre nas manifestações mediúnicas durante os rituais, por meio da incorporação⁵. Através dos sonhos, é possível receber mensagens de entidades espirituais, principalmente ancestrais, como Caboclos, Pretos Velhos, Crianças, Exus, Pombagiras, Marinheiros, Boiadeiros, Ciganos e outros, reconhecidos nos terreiros. Por exemplo, pode-se sonhar com um Exu dando conselhos, uma Pombagira dançando ou um Preto Velho orientando sobre um banho de ervas. É comum, também, que médiuns relatem sonhos em que sentem as sensações físicas da incorporação, como nas mãos, pernas ou em todo o corpo. Além disso, é frequente que uma entidade revele seu nome em um sonho. Um médium pode, por exemplo, sonhar com o Caboclo Cobra Coral ou com o Preto Velho Pai Joaquim de Angola. Porém, na tradição umbandista, é necessário confirmar essas informações. Quando a entidade estiver incorporada no médium, será preciso verificar diretamente com ela se o nome revelado no sonho é realmente o seu (Stevanim, 2024).

Para a psicologia junguiana, por sua vez, os sonhos nos transmitem, por meio de uma linguagem simbólica, figurada — composta por representações sensoriais e imagéticas — pensamentos, julgamentos, concepções, diretrizes, tendências e outros conteúdos que estavam no inconsciente, seja por terem sido reprimidos ou simplesmente ignorados. Contudo, por se tratar de conteúdos inconscientes e pelo sonho ser uma expressão de processos inconscientes, ele nos apresenta apenas uma parte desses conteúdos. Não de todos, mas aqueles que foram reunidos e selecionados de forma associativa em relação ao estado momentâneo da consciência. Jung aponta que para interpretar um sonho corretamente, é essencial possuir um conhecimento detalhado do estado de consciência naquele momento específico, pois o sonho reflete seu complemento

⁵ Na Umbanda, o termo “incorporação” refere-se ao fenômeno em que uma entidade (como um guia espiritual, caboclo, preto velho, criança etc.) se manifesta através do corpo de um médium para realizar trabalhos espirituais, como aconselhamentos, passes energéticos, curas ou orientações. Alguns espaços usam “trance”, “baixar o santo”, e na academia, comumente, “posseção”.



inconsciente — isto é, o material ativado no inconsciente em correlação com o estado momentâneo da consciência (Jung, 2014, p. 477).

A preocupação com a interpretação do que é sonhado também está presente na Umbanda. Pai Luiz afirma que os sonhos são como uma bruma ou névoa e, portanto, podem nos confundir ou refletir pensamentos distorcidos, já que envolvem o nosso inconsciente, com seus desejos, impulsos, traumas e repressões. Ele defende que não devemos interpretar um sonho de forma literal ou “ao pé da letra”: por exemplo, sonhar com uma morte ou um roubo não significa que isso ocorrerá na realidade, pois pode ser apenas uma manifestação de nossos medos e angústias internos. Por isso, ele acredita que os sonhos desempenham um papel importante ao ajudarem a lidar com esses sentimentos, mas que devemos ter cuidado e maturidade para interpretá-los, uma vez que estes, geralmente, dão indícios, pistas ou caminhos para o entendimento espiritual. Mesmo assim, segundo o sacerdote, os efeitos inconscientes dos sonhos são maravilhosos, pois eles “podem ajudar na terapêutica da nossa mente e do nosso espírito, acalmando sentimentos, ampliando a compreensão sobre sofrimentos e ordenando os pensamentos” (Stevanim, 2024). Portanto, de acordo com Stevanim, para a Umbanda, “os sonhos podem curar e são um recurso espiritual poderoso” (Stevanim, 2024).

Da mesma forma, em vários momentos de sua obra, Jung ressalta a importância de uma investigação cuidadosa dos significados dos sonhos, sobretudo por conta de seu caráter simbólico/inconsciente, e aponta que estes são uma defesa importante para o equilíbrio da psique. Assim como o organismo responde de forma adequada a ferimentos, infecções ou situações anormais da vida, as funções psíquicas também reagem a perturbações perigosas ou não naturais por meio de mecanismos de defesa apropriados.

O sonho, segundo Jung, é uma dessas reações oportunas, pois oferece à consciência, em certas situações, e por meio de uma combinação simbólica, o material inconsciente ativado para esse propósito. Nesse material inconsciente estão contidas todas as associações que permanecem fora do alcance da consciência devido à sua baixa intensidade, mas que possuem energia suficiente para se manifestarem durante o sono (Jung, 2014, p. 488).

Entretanto, a relevância dos conteúdos do sonho nem sempre é evidente à primeira vista, considerando apenas o que é manifestado. É necessário analisar o conteúdo manifesto para descobrir os elementos compensatórios que residem em seu conteúdo



latente⁶. Grande parte dos mecanismos de defesa do organismo possui essa natureza velada e, de certo modo, indireta, sendo seu caráter benéfico reconhecido apenas após investigações profundas e detalhadas (Jung, 2014, p. 488).

Tal procedimento vai além da clássica interpretação dos sonhos e envolve uma ampliação das imagens oníricas. Trata-se de explorar possibilidades imagéticas para as cenas dos sonhos, uma construção que ocorre em conjunto com o analisando, não sendo uma responsabilidade exclusiva do analista. Assim, a ampliação consiste, essencialmente, no exercício do “como se”. A partir do que o analisando comenta, podemos trazer algumas imagens para observar as cenas oníricas por outros ângulos (Hillman, 2018, p. 21).

Ainda em relação ao potencial de cura dos sonhos na Umbanda, Stevanim ressalta que durante os sonhos, o espírito pode se desprender do corpo e entrar em comunhão com a comunidade de ancestrais, dançar ao redor da fogueira, viajar por memórias do passado ou refletir sobre as consequências de ações futuras — não através da adivinhação, mas pela análise das condições presentes e seus possíveis desdobramentos no futuro. Nos sonhos, o espírito também pode participar de rituais de cura – a palavra *Mbanda*, que dá origem à Umbanda, significa “arte de curar”. Nesse contexto, o espírito pode atuar tanto como um colaborador ou auxiliar, alguém do mundo dos vivos que toma parte de um trabalho espiritual ao lado das entidades, para doar energia vital, ou até mesmo como alguém que será curado ou auxiliado (Stevanim, 2024).

Os sonhos, no âmbito desta religião afro-indígena, ainda permitem viajar até os reinos sagrados da natureza, como matas, pedreiras, rios, cachoeiras, lagos, estradas, montanhas e praias — locais de força dos orixás — para se conectar com a fonte espiritual do axé, a energia vital que sustenta todos os seres. “Esse é um dos maiores benefícios dos sonhos: entrar em comunhão com as forças naturais das quais viemos, como terra, fogo, água, ar, mineral, vegetal e animal” (Stevanim, 2024).

Na psicologia, a cura se estabelece ao integrar aspectos conscientes com o inconsciente, antes obscuro. O sistema psíquico é unificado na medida em que se torna mais equilibrado, correlacionado e integrado (Stein, 1998, p. 200). Isso pode ser suscitado pelo processo de compensação, “processo dinâmico autorregulador por meio do qual a

⁶ Para Jung, o conteúdo manifesto refere-se às imagens e eventos diretamente lembrados e relatados em um sonho ou expressão simbólica, enquanto o conteúdo latente corresponde ao significado simbólico mais profundo dessas imagens, que emerge por meio da análise e da amplificação. Jung via o conteúdo latente como uma expressão do inconsciente, frequentemente relacionada a arquétipos e à dinâmica da psique.



consciência do ego e o inconsciente buscam o equilíbrio homeostático” (Stein, 1998, p. 204) e via função transcendente, isto é, “o elo psíquico criado entre a consciência do ego e o inconsciente como resultado da prática de interpretação dos sonhos e da imaginação ativa” (Stein, 1998, p. 204) — sobretudo no contexto de um tratamento psicoterápico.

Jung aponta que o caminho para a cura ocorre ao se suprimir a separação entre a consciência e o inconsciente e que não se pode alcançar esse objetivo condenando de forma unilateral os conteúdos do inconsciente. Pelo contrário, é necessário reconhecer sua importância na compensação da unilateralidade da consciência e considerar essa relevância. A tendência do inconsciente e a da consciência são os dois elementos que compõem a função transcendente. Essa função é chamada de transcendente porque permite, de forma orgânica, a transição de uma atitude para outra sem que o inconsciente seja perdido. Por isso, na prática clínica, segundo Jung, o terapeuta devidamente treinado se coloca numa posição de função transcendente para o paciente. Ele auxilia o paciente a integrar a consciência e o inconsciente, permitindo que este alcance uma nova atitude (Jung, 2014, p. 144-146).

3. Dos Sonhos ao Self

Segundo Jung, a maioria de nós, ocidentais, habitantes de zonas urbanas e usuários de dispositivos eletrônicos, transferimos para o inconsciente todas as fantásticas associações psíquicas inerentes a todo objeto e a toda ideia. Por outro lado, “os povos originários ainda conservam essas propriedades psíquicas, atribuindo a animais, plantas e pedras poderes que julgamos estranhos e inaceitáveis” (Jung, 2023, p.51).

Dessa forma, o que os psicólogos chamam de identidade psíquica, ou “participação mística”⁷, teria sido suprimido do nosso mundo objetivo. No entanto, é justamente esse halo de associações inconscientes que confere ao universo indígena seu caráter tão vívido e fantástico. Perdemos tanto o contato com essa dimensão que, ao nos depararmos com ela novamente, muitas vezes nem a reconhecemos. Em nossa experiência, esses fenômenos permanecem abaixo do limiar da consciência e, quando eventualmente ressurgem, tendemos a acreditar que algo está errado (Jung, 2023, p.51).

⁷ Sobre “participação mística”, Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939) é uma referência importante para Jung e trabalhou este conceito em vários livros – ver “A Experiência Mística e os Símbolos entre os Primitivos”, editora Clube de Autores, 2022.



Como vimos no relato de Luiz Felipe, na perspectiva da Umbanda os sonhos parecem contribuir para uma maior comunhão com a natureza e com espíritos ancestrais. O trecho a seguir, segundo o sacerdote, foi transmitido pelo Caboclo Sete Flechas (guia espiritual de origem indígena que se manifesta na mediunidade dele). Trata-se, para ele, da visão do próprio Caboclo sobre os sonhos:

Num tempo em que ainda se podia sonhar, nosso povo conheceu os segredos do céu, da terra, das águas e do fogo. Aprendeu a caminhar com as estrelas e a ouvir a voz que ressoa na floresta. Quando adormecíamos, entrávamos na dimensão espiritual em que era possível enxergar com plenitude o mundo dos vivos e vislumbrar o mundo dos antepassados. Aprendemos que o sonho era a linguagem para conversar com os seres da natureza e com o Ser Criador. Compreendemos que poderíamos caminhar em direção ao passado e contemplar outras existências que havíamos vivido, assim como aspirar um dia estar em harmonia com os espíritos sagrados da natureza e ser um só corpo-alma com a Mãe Terra (Stevanim, 2021, p. 208-209).

Para Jung (1978), a religião é fruto de potências criadoras do indivíduo e depende da emergência e da consideração do numinoso – isto é, “uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano” (Jung, 1978, p. 11). Assim, a religião pode ser compreendida como uma atitude do espírito humano, uma postura que, de acordo com o uso original do termo *religio*, pode ser definida como uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos, concebidos como “potências”: espíritos, demônios, deuses, leis, ideias, ideais ou qualquer outra denominação atribuída a esses elementos. Dentro do universo humano, a experiência demonstrou que tais fatores podem ser suficientemente poderosos, perigosos ou úteis para merecerem respeito, ou ainda grandes, belos e racionais o bastante para serem adorados e amados com devoção (Jung, 1978, p. 12). Assim, existem inúmeros ritos mágicos cujo objetivo exclusivo é proteger contra as tendências inesperadas e perigosas do inconsciente. Segundo Jung, é curioso como os povos originários não são abalados pelo fato de que o sonho, por um lado, é a manifestação da voz e da mensagem divinas e, por outro, uma fonte inesgotável de aflições (Jung, 1978).

Ao final do livro, o Caboclo Sete Flechas parece responder a dúvida que aparecera no sonho descrito inicialmente por Pai Luiz Felipe, a saber:

Você que tanto deseja encontrar suas raízes, olhe primeiro para dentro de si. Sinta a melodia do seu coração. Dentro de você vivem seus ancestrais humanos, além de todas as forças da natureza que lhe



concedem proteção – o vento, a chuva, as águas, o fogo, a terra, os animais, as árvores e as pedras.

Suas raízes remontam aos povos que habitavam a floresta e serpenteavam pelas margens dos rios há milênios. Essa história não se perdeu no tempo, mas vive dentro de você. De cada um de vocês. (Stevanim, 2021, p. 210).

Em relação a este trecho é possível fazer uma aproximação com os conceitos de arquétipo e imago Dei, ou Self⁸, da psicologia junguiana. A indicação de “olhar para dentro de si” remete ao Self, nossa verdadeira identidade, que inclui e vai além do eu (ego) consciente. Jung afirma que cada pessoa carrega dentro de si a imagem de Deus – o cunho do si-mesmo. Somos marcados pelo arquétipo, onde *typos* significa um cunho impresso em uma moeda, e *arche* refere-se à matriz ou modelo original. Dessa forma, cada indivíduo humano possui a impressão do arquétipo do si-mesmo. Esse arquétipo é inato e inerente. Por sermos humanos, trazemos a imago Dei impressa em nós, o que nos conecta à “unidade e totalidade que ocupa o ponto mais elevado na escala de valores objetivos” (Jung apud Stein, 1998, p. 143-144).

Já no que concerne à consideração das raízes que remontam aos povos milenares, como indicado pelo Caboclo, temos um entendimento que aponta para o acolhimento de uma herança ancestral do espírito humano, isto é, dos arquétipos do inconsciente coletivo. Segundo Jung, o arquétipo é uma tendência instintiva, tão evidente quanto o impulso das aves para construir seus ninhos ou o das formigas para se organizarem em colônias. No entanto, esses instintos também podem se manifestar sob a forma de fantasias, muitas vezes revelando sua presença apenas por meio de imagens simbólicas. Sua origem permanece desconhecida; porém, eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo, mesmo onde não há como explicar sua transmissão por hereditariedade direta, por intercâmbios culturais ou fecundações cruzadas, decorrentes de migração (Jung, 2023, p. 85).

Nesse sentido, considerando a famosa frase atribuída à Carl Jung – “Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta” –, parece que ao buscar o si-mesmo (Self), tanto via Umbanda quanto através da psicologia, quando respeitamos e acolhemos nossa ancestralidade, investigando com cuidado nossos sonhos e integrando os conteúdos

⁸ Arquétipo diz respeito a uma estrutura psíquica inata e universal, presente no inconsciente coletivo; o Self (ou Imago Dei) é o arquétipo central que simboliza a totalidade da psique, unificando consciente e inconsciente, funcionando como “imagem de Deus no interior” e meta do processo de individuação em Jung.



conscientes e inconscientes, talvez seja possível despertar para uma vida mais plena em direção à cura.

Considerações finais

Este texto é uma tentativa inicial de contribuir com o diálogo já existente entre dois campos do conhecimento, isto é, Psicologia e Religião, especificamente entre a psicologia junguiana e a Umbanda. Procuramos acolher, considerar e descrever os saberes e práticas que esta religião brasileira de matriz afro-indígena desenvolve no que diz respeito ao fenômeno psíquico conhecido como sonho e propor considerações a partir da teoria de Carl G. Jung.

A partir da análise do livro “Terreiro de Caboclo” e de uma dinâmica conversacional com Pai Luiz Felipe Stevanim, autor da obra e sacerdote da Umbanda, foi possível verificar uma série de aproximações com a teoria de Jung. Assim, resumidamente, podemos dizer que, tanto a psicologia junguiana quanto esta religião afro-indígena, cada uma ao seu modo:

- (a) Consideram, acolhem, buscam entender e aplicam os saberes e conhecimentos obtidos através de sonhos e/ou conteúdos oníricos;
- (b) Utilizam o sonho como um recurso fundamental – informativo, comunicacional, simbólico, terapêutico etc.;
- (c) Possuem um interesse ativo em reconhecer, acolher, considerar, entender, aplicar e transmitir conhecimentos, saberes e conteúdos ancestrais.
- (d) Procuram, em suas práticas, favorecer o desenvolvimento pleno do ser humano, em direção à autorrealização, isto é, ao si-mesmo (Self).

Em linhas gerais, a pesquisa investigou como os integrantes da Umbanda se apropriam dos sonhos em suas práticas religiosas, revelando que esses são considerados meios essenciais de comunicação com o sagrado, com os ancestrais e com as forças da natureza. Os sonhos, segundo o sacerdote Pai Luiz Felipe Stevanim, são usados como canais para orientações espirituais, revelações de nomes de entidades, vivências mediúnicas e processos de cura. Além disso, servem como instrumentos terapêuticos que auxiliam no alívio de angústias e na reorganização do mundo psíquico e espiritual do indivíduo, promovendo equilíbrio e bem-estar.



No diálogo com a psicologia junguiana, identificam-se importantes convergências. Para Jung, os sonhos expressam conteúdos inconscientes por meio de símbolos, promovendo compensações psíquicas e possibilitando a integração da consciência com o inconsciente. Essa função é análoga ao papel que os sonhos exercem na Umbanda, onde são valorizados como linguagem espiritual e como recurso de transformação interior. Ambos os sistemas reconhecem a importância da escuta atenta e do cuidado na interpretação dos sonhos, evitando leituras literais e promovendo uma visão simbólica e integradora.

Por fim, a articulação entre Umbanda e psicologia junguiana evidencia a potência dos sonhos como caminho para a autorrealização (Self) e a reconexão com a ancestralidade. Enquanto Jung descreve os arquétipos como imagens universais que habitam o inconsciente coletivo, os espíritos da Umbanda — como os Caboclos e Pretos Velhos — podem ser compreendidos como manifestações desses arquétipos no imaginário cultural brasileiro. Assim, o estudo mostra que tanto a espiritualidade quanto a psicologia podem contribuir, de forma complementar, para um processo de cura e desenvolvimento integral do ser humano.

Referências bibliográficas

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. A pesquisa qualitativa como uma produção teórica: uma aproximação diferente. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 45-55.

HILLMAN, James. *Uma investigação sobre a imagem*. Petrópolis: Vozes, 2018.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião*. OC, vol. XI/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

JUNG, Carl Gustav. *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. OC, vol. XVI/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique*. OC, vol. VIII/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 3. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023.

ROSSATO, Maristela; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. *A metodologia construtiva-interpretativa como expressão da Epistemologia Qualitativa na pesquisa sobre o desenvolvimento da subjetividade*. AtasCIAIQ2017: Investigação Qualitativa em Educação, 2017. v. 1. p. 343-352. Disponível em:

<<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1352/1310>>.

STEIN, Murray. *Jung: o mapa da alma*. São Paulo: Cultrix, 1998.



STEVANIM, Luiz Felipe Ferreira. *Terreiro de caboclo: a raiz indígena na Umbanda*. Porto Alegre: BesouroBox, 2021.

STEVANIM, Luiz Felipe Ferreira. *Pesquisa - Psicologia e Religião*. Destinatário: Renato Bressan. [S.I.], 04 DEZ. 2024. 1 mensagem eletrônica.